

## Fichamento 6 - Capítulo 6 - Anna Lídia Garcia

**Referência:** BARAÚNA, Lia Maria Perez. À flor da pele. In: CARONE, I.; BENTO, M. A. S. (orgs.). **Psicologia Social do Racismo:** Estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil. 1.ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 2002.

- A pesquisa intitulada "A força branqueamento - Um estudo sobre a negritude em São Paulo" contou com uma parte voltada aos estudos teóricos e de levantamento bibliográfico e outra parte empírica, cujo objetivo foi, resumidamente, captar através de entrevistas não só as representações, atitudes e valores dos sujeitos em relação à questão racial, como também os seus possíveis suportes psíquicos inconscientes (p. 131).
- Várias entrevistas foram realizadas em uma fase exploratória, que visava o aprimoramento das técnicas de entrevista a fim de que se tornasse um instrumento adequado aos objetivos da pesquisa. Este capítulo se configura como um procedimento avaliador de técnicas através da análise de duas dessas entrevistas, aplicadas por outras pesquisadoras da equipe, que se localizam em diferentes momentos dessa fase exploratória (p. 131).
- A primeira entrevista corresponde a uma fase da pesquisa em que havia um roteiro de temas previamente estabelecidos a serem investigados, era esperado que assim fosse possível abarcar todas as questões pertinentes à pesquisa. Contudo, no que diz respeito a apreensão dos aspectos psicológicos, principalmente inconscientes, essa estratégia de entrevista semidirigida revelou-se insuficiente (p. 132).
- Alternativamente, surgiu, com base na estratégia de pesquisa desenvolvida pela Profa. Dra. Arakcy M. Rodrigues sustentada na psicanálise, a proposta que deu origem a segunda entrevista apresentada, que consistia em iniciar a coleta de dados com uma entrevista aberta, sem qualquer roteiro, propiciando a livre associação e a produção de um discurso com mínima interferência externa, a fim de apreender os mecanismos inconscientes, depois a aplicação da entrevista estruturada estabelecida anteriormente (p. 132).
- As duas entrevistas foram analisadas separadamente, buscou-se verificar que tipo de dados foram obtidos em cada uma delas e em que medida eles diferem entre si em razão da mudança de técnica de coleta (p. 132).

- Primeira entrevista

- A primeira entrevistada é referida como A., era uma mulher negra de 47 anos, solteira, de classe média e advogada. Nasceu no interior, mas logo em seguida sua família mudou-se para a capital. Seu pai trabalhava como construtor e sua mãe era dona de casa, só passou a trabalhar fora quando A. já era adulta. Ela é a primogênita do casal e tem duas irmãs, sendo uma delas de criação (p. 133).
- Essa primeira entrevista se baseou no roteiro de temas, a entrevistadora começou levantando dados biográficos, com ênfase na história escolar. É difícil especificar se o enfoque na história escolar seria o mesmo se a entrevista tivesse sido conduzida de outra forma, mas a entrevistada alinhava sua história de vida via história escolar e profissional. Ao relatar suas escolhas e percursos, ela não está simplesmente se lançando aos fatos, mas seus desejos, ambiguidades, seu lugar de família, etc. Portanto, a análise dessa entrevista tem como eixo o que a própria entrevistada colocou como central: sua vida escolar e profissional (p. 133).
- Desde o início da entrevista deixou claro que a origem é circunstancial, não determinante, dando mais importância para a socialização e criação (p. 133).
- A. contou que sua mãe era "senhora do lar", não era possível compreender que conotação ela dá a isso, mas foi possível supor que o lar, o espaço privado era de domínio exclusivo da mãe, enquanto a missão de A. na família seria o de conquistar o domínio do "público". Pela possibilidade que teve de se dedicar aos estudos é possível supor que este era um valor familiar que a preservou de outras atribuições, inclusive domésticas (p. 134).
- A. afirma reconhecer seus méritos e valoriza sua formação, dando a entender inclusive que tinha se saído melhor que a entrevistadora, que era branca (p. 134).
- Cronologicamente seus desejos profissionais são organizados da seguinte maneira: quando criança queria ser advogada e associa o desejo ao prestígio da profissão, distante do imaginário periférico, dominado por homens, que trazia doutora como vocativo. Na adolescência, A. desenhava plantas de casas para o pai construir, ele manifestava o desejo de que fosse engenheira. Apesar de A. realizar o pai ao abstrair e representar suas ideias, ela decidiu dedicar-se a seus próprios projetos. Chegou a se interessar por psicologia como possibilidade de responder as próprias necessidades, mas achou suficiente o que havia estudado no curso normal, optando pelo direito (p. 134).
- As pesquisadoras acreditam que mesmo A. justificando sua escolha como obra do acaso ou vontade de Deus, ela responde a várias de suas necessidades e não somente as da infância (p. 135).

- Sua família vivia em um meio em que a maioria era branca, mas sem grandes divergências sociais, o que permitiu levantar a hipótese de que a discriminação racial é menor entre os pobres (p. 135).
- Seu mundo da infância parece ter possibilitado um reconhecimento social que sustentou e reforçou sua dignidade pessoal. As pesquisadoras acreditam que quando A. se deu conta de que no mundo social mais amplo o lugar de pretos e brancos são diferentes, ela já tinha condições psicológicas e intelectuais para se contrapor e inclusive de reivindicar o lugar que merece (p. 136).
- Sua história foi construída a custa de muito rigor consigo mesma e talvez demasiada renúncia de suas outras necessidades e desejos (p. 136).
- Ela é muito exigente consigo mesma e estende essa exigência aos outros, especialmente se são negros (p. 136).
- A postura de A. em relação a questão racial é uma forma de resistência na medida em que faz com que ela recuse o fatalismo e o papel de vítima indefesa, sendo uma mulher negra a ocupar cargos tradicionalmente reservados aos homens brancos (p. 137).
- De certo modo ela acaba se sentindo só ao alcançar um espaço que não consegue compartilhar com outros negros (p. 137).
- A atuação profissional e política de A. não se vincula especificamente ao movimento negro, coadunando com sua luta por "aquela igualdade" prevista no artigo 5º da CF/1988, onde se fala que homens e mulheres são iguais perante a lei e sem preconceito de raça, credo, cor e religião. Ela não abre mão de existir e participar como mulher negra dos espaços que são legalmente de todos, e sabe fazer valer esse direito (p. 138).
- Mesmo se tratando de uma pessoa com todos esses recursos, podemos visualizar a sombra que acompanha o negro na sociedade quando A., ao responder uma questão sobre sua vida social afirma que não frequenta nenhum lugar, exceto quando é convidada por pessoas amigas. Assim, sem a proteção de seus títulos e/ou seus amigos brancos, quando é visível apenas a cor de sua pele, A. não é livre para ir e vir, pois não há qualquer garantia de que será tratada com respeito (p. 138).

#### - Segunda entrevista

- E segunda entrevistada é referida como B., é uma mulher negra de 32 anos, casa, sem filhos, de classe média e escolaridade de nível superior (p. 138).

- Seu pai era músico e morreu quando a mãe estava grávida dela. Sua mãe foi então trabalhar e acabou ficando até o fim de sua vida na casa de uma mulher, solteira e sem filhos, que a acolheu desde a gravidez, tornou-se madrinha de B. e ajudou a criá-la. Assim, B. foi filha única, criada por duas mulheres como uma criança de classe média e não com a filha da empregada (p. 138).
- A segunda entrevista não era diretiva e iniciava-se a partir de uma colocação da entrevistadora no sentido de criar as condições para um discurso livre (p. 138).
- A entrevistada, ao contrário do que seria ideal, tinha informações sobre a pesquisa e conhecia a entrevistadora, fato que pode ter tido algum peso, visto que sua primeira fala vai direto à questão racial (p. 138).
- B. começa de modo muito particular a abordar a questão através do fato de ter mentido para uma amiga, quanto tinha cinco ou seis anos de idade, sobre a identidade de sua mãe, referindo como mãe a mulher que na verdade é sua madrinha. Essa mentira expressa de maneira evidente o desejo de ter uma mãe branca e ser branca. B. justifica como algo típico de uma criança, que queria ter uma mãe parecida com as mães das outras crianças da escola. No entanto, existia um incômodo específico em relação a diferença de cor, pois seu pai havia morrido e ela não sentiu necessidade de mentir sobre isso a despeito da maioria das outras crianças terem pai. Essa dissimulação em relação a esse episódio da infância aponta que o desejo de ser branca por questões circunstanciais pode ter se mantido como um fantasma (p. 139).
- Nesse desejo de afastar-se de suas origens e até mesmo negá-las, B. sente que teve certa cumplicidade da mãe, que se esforçava para que B. frequentasse somente o meio social da madrinha, que, por sua vez, estimulava B. a também se conectar com o meio da mãe. Nesse contexto, é como se B. se sentisse legitimada e incentivada pela própria mãe nesse seu desejo de ser branca, mas ao mesmo tempo como se a consciência de negritude fosse denunciada e revelada pela "mãe branca". Ou seja, o meio branco sempre seria o primeiro a apontar as diferenças, ainda que bem intencionado (p. 139).
- Fala da sua adolescência como um momento bom e desejosa de que fosse mais duradouro. Ao descrever as condições que possibilitaram essa vivência, B. enfatiza a relação "aberta" que teve com a mãe e a madrinha, de muito diálogo e incentivo. Sua principal aliada nesse momento era a madrinha, cujas opiniões acabavam predominando às da mãe, que, mesmo quando não concordava muito, acatava sem entrar em conflitos (p. 140).
- B. afirmava que viver com duas mulheres sozinhas que "se viravam" sem a presença de um homem deu-lhe a sensação de não necessidade (p. 140).

- Para que a vida na adolescência fluísse da maneira que descreveu foi necessário deixar intocada a questão que B. coloca logo no início: a consciência de sua negritude (p. 140).
- Ela conta que sofreu experiências de discriminação racial que foram vividas como intoleráveis (p. 140).
- Além da perplexidade frente a situação externa (a irracionalidade do racismo), parece haver também extrema fragilidade interna em relação a consciência de sua negritude (p. 141).
- É como se B. nunca tivesse até então lidado com essa questão, preferindo não tomar conhecimento dela, fazendo de conta que nada disso existia. Sua identidade e autoestima foram construídas à margem do fato de ser negra (p. 141).
- O desejo de ser branca expressava não um incômodo com a cor da pele em si, mas com o sofrimento que essa condição efetivamente traz numa sociedade prenhe de ideologias racistas e práticas discriminatórias (p. 141).
- Seu primeiro contato com um meio onde os negros são hegemônicos e cultivam uma identidade social positiva baseada na cultura negra se deu quando começou a militar no movimento negro, já na vida adulta, as descrições de B. são interessantes, pois, segundo a autora, dava a impressão de que ela precisou primeiro "se fantasiar" de negra, pra tentar aprender a se sentir como tal (p. 142).
- A partir dessa valorização positiva de uma identidade negra, cujo elemento narcísico é evidente e fundamental, B. pode estabelecer vínculos afetivos com outros negros (inclusive por serem negros). Isso tudo, aliado à possibilidade de uma crítica social e política da situação do negro, criaram condições, no entender das pesquisadoras, para que B. construísse uma imagem de si menos fragmentada (p. 142).
- Existe, de um lado, a luta política contra a discriminação, que responde a necessidade de denunciar e se contrapor a uma situação extremamente injusta, mas, ao mesmo tempo, está presente a necessidade psíquica de tratar as feridas narcísicas que são infligidas ao negro na nossa sociedade pelo simples fato de ser negro (p. 142).
- As pesquisas fornecem dados e metodologia importantes para pensar as investigações em psicologia social sobre configurações psíquicas subjacentes as representações sociais (p.145).